

L E D A F I G U E I R E D O



JARUDOR



Distrito cheio de histórias
e de potencialidades



Copyright©2022 by Leda Figueiredo Rocha do Lago

Diagramação:

Enoque F. Cardozo

Capa:

Aginaldo Francisco da Luz & Enoque F. Cardozo

Fotos das orelhas:

Zico (zicopoxo@hotmail.com)

Coautora:

Marlene Figueiredo Rocha Martins

DO LAGO, Leda Figueiredo Rocha.

Jarudore: Distrito cheio de histórias e de potencialidades –
1ª ed. – São João/PE. Ed. Casa de Bonecas (ECB), 2022.
358 p.: il.

ISBN: 978-85-60212-37-8

1. Biografia 2. Crônicas 3. Histórico 4. Literatura brasileira.
DO LAGO, Leda Figueiredo Rocha. LIVRO
BRASILEIRO. I Título. FORMATO: A5 14x21

Impresso pela RENOVAGRAF (www.renovagraf.com.br) – 2022.

Copyright "©" 2022. Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução parcial ou total, por qualquer meio.
Lei Nº 9.610 de 19/02/1998 (Lei dos direitos autorais).

2022. Escrito e produzido no Brasil.

Ao meu pai João Sival Figueiredo
Ao meu avô Alcebíades Figueiredo- “Bia” (in memoriam)
Ao povo de Jarudore.

Primeiramente a Deus, por se colocar diante de nós, dando-nos força, confiança e saúde para realizarmos este trabalho.

Às pessoas de Jarudore, de Joanesburgo e arredores que participaram de forma direta ou indireta do desenvolvimento deste projeto, contribuindo com material fotográfico, dados e fatos históricos.

Em especial, ao meu pai João Sival Figueiredo, pelo exemplo e amor que ajudaram em muito a definir meu caráter, e pelas informações, as quais enriqueceram o processo de criação.

S U M M Á R I O

PREFÁCIO	09
APRESENTAÇÃO	13
POVO FELIZ – (Gaudêncio Amorim).....	15

c a p í t u l o I

IDENTIDADE HISTÓRICO-SOCIAL	17
ETNIA BORORO DE JARUDORE	18
POSTO TELEGRÁFICO DE JARUDORE.....	31
A VILA JARUDORE	34
JOANESBURGO	42
COLÔNIA LAMBARI.....	50
COLÔNIA DOS MINEIROS	52
ASSENTAMENTO CARLOS MARIGHELLA - PONTAL DO AREIA	55
ASSENTAMENTO SANTO ANTÔNIO DA ALDEIA.....	61
CACHOEIRA DO EPAMINONDAS	65
OS CANOEIROS DE JARUDORE.....	67
CAMPO DE AVIAÇÃO	72
HOSPEDAGEM EM JARUDORE.....	74
IGREJAS EM JARUDORE	79
ESCOLAS DE JARUDORE.....	83
<i>Franklin Cassiano</i>	84
<i>Escola Municipal Epaminondas Correia de Oliveira</i>	88
<i>Liceu Pedagógico São Francisco de Assis</i>	89
CARTÓRIO DE JARUDORE	91
MÁQUINAS DE ARROZ EM JARUDORE.....	98
DESTACAMENTO POLICIAL.....	101
MORRO DO CRUZEIRO	104
CURTUME DE JARUDORE	108
AS QUITUTEIRAS DE JARUDORE	110
AS BENZEDEIRAS E OS BENZEDORES DE JARUDORE	116
<i>De alma e oração</i>	119
AS LAVADEIRAS DE JARUDORE	120
TROPEIROS E CARREIROS.....	128
A PRESENÇA DOS ITALIANOS EM JARUDORE	134
ALGUNS DOS PIONEIROS DE JARUDORE	141
<i>Alcebíades Figueiredo</i>	141
<i>José Luiz da Costa</i>	154
<i>Manoel Cândido de Oliveira</i>	155
<i>Otávio Francisco Vieira – Otávio</i>	166
<i>Valdir Ribeiro de Carvalho – Dizim</i>	172
<i>Alcídes Novais</i>	175
<i>José Francisco da Silveira – Zuzinha</i>	179
A LUTA PELO DIREITO DE VIVER EM JARUDORE	186

c a p í t u l o II

AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS EM JARUDORE.....	197
A FOLIA DE REIS DE JARUDORE.....	197
A FESTA DE AGOSTO-FESTA DA PADROEIRA	203
<i>Dormição de Nossa Senhora</i>	204
AS CANCHAS - CORRIDAS DE CAVALOS	208
AS LAPINHAS.....	214
DONA ADELAIDE: A MULHER RENDEIRA.....	219
A MALHAÇÃO DE JUDAS/QUEIMA DE JUDAS.....	224
FESTA DOS CARETAS OU MASCARADOS DO SÁBADO DE ALELUIA	231
BRINCADEIRAS DE RODA	233
GARRAFAS COM AREIA COLORIDA – CICLOGRAVURA	238
ARTE INDÍGENA - CULTURA MATERIAL.....	240
ARTESANATO DE COURO.....	244
FESTIVAL DE PRAIA DE JARUDORE	246
FESTA DO PEÃO – RODEIO.....	251
CAVALGADA, SIM SENHOR	257
SARAU EM JARUDORE.....	261

c a p í t u l o III

A FORÇA POLÍTICA DO DISTRITO DE JARUDORE	266
SEBASTIÃO RODRIGUES DOS SANTOS - TIÃO BAIO.....	269
ELY VIEIRA CÉLIO.....	273
JOÃO SINVAL FIGUEIREDO	278
EPAMINONDAS CORREIA DE OLIVEIRA	289
JOSÉ BALDUÍNO FERREIRA FILHO-JUCA	296
RENATO CAVALCANTE DA SILVA.....	300
GILBERTO ALVES RODRIGUES.....	305
FRANCISCO JOSÉ DOS SANTOS - CHICO BAIO	307
REINAN ALVES DA COSTA.....	311
OZETE FRANCISCO DE SOUZA.....	316
CARLOS RIBEIRO COSTA – Carlos Macaúba.....	321
CARLOS ANTÔNIO DO CARMO – MINEIRO: HOMEM TRABALHADOR E DE ORIGEM HUMILDE.....	324
EVANGELISTA DA SILVA VIEIRA	330
JUCÉLIO DE OLIVEIRA BARBOSA	333
AGUINALDO ALVES DA SILVA - BATATA	335
RONAN FIGUEIREDO ROCHA.....	342
VALDEMAR PEREIRA DOS SANTOS - MAZINHO	350
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	355

P R E F Á C I O

“Jarudore: Distrito Cheio de Histórias e de Potencialidades”. Este é o segundo livro escrito pela Prof.^a Leda Figueiredo Rocha do Lago, a qual me deu a honra de prefaciá-lo, pelo que sou grato. Afinal, fui um privilegiado, por ser o primeiro a conhecer essa versão da história de Jarudore, ampliada com suas novas pesquisas e as várias memórias por ela resgatadas, principalmente, as lembranças do senhor João Sinval de Figueiredo, seu pai. Com esse passaporte, pude ficar bem à frente daqueles que vão lê-la depois. E, mais ainda, daqueles que nunca irão conhecê-la, por razões que é melhor não citar. No entanto, estando você a ler este prefácio, com certeza não está nesse último grupo e, assim, poderá saboreá-la, porque o que vem pela frente é um texto leve, suave e muito gostoso de ler. É claro que tem um pouco daquele texto chato de escola, com datas, citações bibliográficas e coisas dessa natureza, que professores e historiadores precisam usar. Afinal, a História é uma Ciência e seu registro deve seguir o método científico, que tem necessidade de tudo isso para que, se alguém assim o desejar, possa refazer as pegadas deixadas e chegar aos mesmos resultados. Isso, no entanto, apenas enriquece a obra, sendo que, na grande maioria das páginas, quando a gente vai lendo o livro, a sensação que temos é de estar ouvindo aquelas histórias que nossos pais nos contam, dos tempos em que viveram e que nos fazem arregalar os olhos e abrir bem os ouvidos, para não perder nenhuma emoção ou detalhe.

Pessoalmente, já tive a satisfação de ler alguns textos sobre Jarudore e também de estar ali, por diversas vezes, conhecendo vários de seus moradores. Mas o conhecimento oferecido pela autora deste livro, extrapola, de forma estratosférica, esses fragmentos, ajudando-nos a entender o conjunto da obra por ela pretendido, ou seja, que o conhecimento do Distrito poxoreano denominado Jarudore, vai muito além do que nos dizem ou disseram algumas pessoas e dos poucos registros em nossa literatura histórica tradicional

Jarudore tem uma história linda, como todo o município de Poxoréu, a qual vai se perdendo com a falta de resgate e registro das memórias, vividas por aqueles que participaram de sua construção. Este livro não esgota as fontes, mas traz um milhão de dados, para ajudar o leitor interessado na compreensão e apreensão dessa maravilhosa história que, agora, é muito bem complementada.

É de ver que a professora Leda é uma poxorensense de Jarudore, tendo vindo ao mundo pelas mãos da parteira Dona Maria do Deré, em uma casinha de sapê, no sopé da Serra das Araras, onde seus pais moravam. E é daí, que vem a sua autoridade e o amor posto no que escreveu nesta obra, que é uma versão da história de Jarudore, resgatada não por um desautorizado escritor alienígena qualquer, que ali tenha caído de paraquedas, com tal intento, mas, sim, por alguém que passou a vida toda escutando uma grande parte desses relatos, da boca do próprio pai, de familiares e amigos, além de, em alguns casos, tê-los testemunhado ocularmente.

O livro está repleto de curiosidades muito interessantes. Ao longo da história jarudorensense, várias pessoas passaram por lá, moraram e participaram da vida do povoado. E depois, ou morreram, ou foram embora para outras plagas. E quase não se ouve mais falar delas. O livro nos informa a esse respeito dessas almas, muitas das quais, pela simplicidade de suas vidas, dificilmente seriam encontradas em um desses milhares de livros de história, em que somente se apontam quem eram os reis, os presidentes, os líderes, os chefes e os patrões, deixando de fora as comadres e os compadres, as Marias e os Joões, as mãos que, de fato, fizeram e aconteceram. Afinal, quem descobriu o Brasil, foi Cabral ou foi o marinheiro que estava lá no cesto da gávea e que gritou a famosa “terra à vista”? A professora Leda não deixa isso acontecer com Jarudore. A sua história é o relato tanto da linha de frente quanto dos bastidores, da liderança e da gente simples e humilde que ali viveu e que ainda hoje vive como uma grande família. É a história de todos os jarudorenses, indígenas ou não.

É um livro que vai levar Jarudore para o mundo, mas que todo jarudorense, seja nativo ou adotado, não poderá deixar de ler. Na verdade, eu tenho muita dificuldade de me localizar dentro dele. E fico bastante encabulado com isso. Parece que têm dez Jarudores inteiros dentro do livro, de tanta gente que a professora fala. É a história do Chico Mascate, pai do Ozete, que veio do Piauí; são os assentados que vieram das Minas Gerais e ali, constituíram extensa prole de filhos, netos e bisnetos; é a história do Renato do Honorato e do seu Otaviano, que vieram da Bahia; é o senhor Alcebíades, seu avô, que, vindo do Rio Grande do Sul, acabou indo morar na Serra das Araras e que é o tata por detrás de cada página aqui escrita. E ela vai desfiando esse cordão de gente jarudorense que eu nunca conheci, mas que todos os seus conterrâneos sabem muito bem quem são, porque são gentes de seu sangue, de sua família ou de sua relação pessoal.

O povo de Jarudore irá sentir muito orgulho de sua conterrânea Leda Figueiredo Rocha, por tudo o que ela está contando neste livro a respeito de cada um que ali viveu ou que ainda vive, seja de um lado ou do outro do rio Vermelho, seja na reserva indígena, em Joanesburgo ou em qualquer parte do Distrito Jarudore, propriamente dito.

E, na medida em que a escritora vai desenrolando o novelo dessa história de baianos, cearenses, paulistas, sul-mato-grossenses, mineiros e tantos mais, nós vamos conhecendo a gente sobre quem ela fala, como Dona Vitória, seu Manoel Lopes e tantos outros que somente quem ler o livro vai ficar sabendo, porque não sou eu que vou contar agora. Afinal, a autora já contou tudo nas páginas dessa obra maravilhosa. E quem ler, verá.

Quanto à abrangência, além de ser um belíssimo álbum da família jarudorense, o livro retrata o Distrito por inteiro, seja na geografia humana ou na física. Leda nos conta como surgiu Jarudore, Joanesburgo, as colônias Lambari e dos Mineiros, os assentamentos recentes nas regiões do Pontal do Areia e de Santo Antônio da Aldeia e muito mais. Afeita aos detalhes, ela conta tudo, tim-tim por tim-tim,

graças à prodigiosa memória de seus informantes, principalmente a de seu João Sinval de Figueiredo, que ainda se lembra, nome por nome, de quem viveu em cada lugar, com a ressalva, é claro, de alguns lapsos. Afinal, seu João ainda é apenas um homem, com as limitações da idade e não o livro, que vai registrando tudo para que não se esqueça mais. E, se alguém tiver ficado do lado de fora, com certeza vai entrar para dentro, em uma nova edição, porque o que a gente percebe é que a autora quer mesmo é falar de tudo e de todo mundo.

Indo para o fim dessa missão introdutória, destaco os diversos reflexos na história da região, incluindo as narrativas políticas com seus desenlaces de sangue. As emoções são tantas que, às vezes, temos a impressão de estarmos lendo um romance, em vez de um livro da História real.

E aqui eu paro, com a certeza de que estou participando de um livro de História, que tem como cenário uma região marcada por um conflito indígena entre a nação Bororo e a gente não índia, humilde, simples, ordeira e trabalhadora que vive ali desde antes do nascimento do Distrito. “Jarudore: Distrito Cheio de Histórias e de Potencialidades” é um livro que aborda, em paralelo, um dos conflitos indígenas mais recentes da história mato-grossense, motivado pelo regresso de alguns indígenas bororo para a reserva outrora criada para eles, mas que não fica apenas nisso, indo muito além do conflito, sendo também um instrumento para a paz entre todos os jarudorenses, indígenas ou não.

Desejo uma boa leitura!



IZAIAS RESPLANDES DE SOUSA, advogado, escritor e professor. Membro ativo e cofundador do Instituto Histórico e Geográfico de Poxoréu (IHG) e da União Poxoreense de Escritores (UPE). Ex-aluno, colega de trabalho e confrade da autora no IHG de Poxoréu.

A P R E S E N T A Ç Ã O

Jarudore: Distrito Cheio de Histórias e de Potencialidades se constitui no registro de memórias, levando – se em consideração a importância desse povoado para a construção da identidade, como bem enfatiza POLLAK - 1992, que a memória é essencial na percepção de si e dos outros. Dessa forma, ela acaba sendo constituída pelo resultado de um trabalho de organização e de seleção daquilo que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência, ou seja, de identidade.

Aspecto esse, reforçado por Jacques Le Goff (2013), ao apontar a relação entre memória e história quando salienta: *“Tal como o passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e, simultaneamente, um nível elementar de elaboração histórica.”* (LE GOFF, 2013, p. 51). Assim, a memória também pode ser utilizada para reconstruir os fatos históricos a partir, de ressignificações individuais.

Considerando-se a relevância das memórias no processo de construção da identidade e a necessidade de registrá-las para que elas não se percam com o passar dos anos, Jarudore: Distrito Cheio de Histórias e de Potencialidades, apresenta o registro das memórias daquele que em 1935, fixou residência nas “Serra das Araras”, zona rural de Jarudore, em 1942, visitou pela primeira vez, a vila do pequeno povoado que foi se formando nas proximidades da aldeia Bororo lá existente, após essa visita, passou a conviver com as diferentes pessoas do lugar: indígenas e não indígenas, fixando sua residência na referida vila a partir de 1965, onde morou até o ano de 1977, quando se mudou com a família para a cidade de Poxoréu.

A fim, de materializar esse ideal, as irmãs Marlene e Leda Figueiredo, filhas do casal João Sinval Figueiredo e Floriza Rocha Figueiredo, uniram – se para registrar as lembranças que elas e

seus pais guardam dos tempos inesquecíveis vividos em Jarudore, registros esses, que contaram com a colaboração e o apoio de inúmeras pessoas que ainda hoje, moram em Jarudore e região, as quais elas são gratas pelas fotografias e informações fornecidas.

Assim, Jarudore: Distrito Cheio de Histórias e de Potencialidades está organizado em três capítulos, sendo o primeiro, “Identidade e Organização Social de um Povo”, no qual estão as informações históricas, sociais e a estrutura administrativa que constitui o território do distrito de Jarudore.

O segundo capítulo, “Manifestações Culturais de Jarudore”, é constituído pelo relato detalhado da riqueza e da diversidade cultural praticada pelo povo jarudorense.

No terceiro capítulo, “A força política do povo de Jarudore”, é possível conhecer o nível de politização do povo jarudorense, os seus vários líderes, comprovando assim que, ao longo de 75 anos do processo eleitoral, por meio de voto popular, o distrito de Jarudore é o que mais elegeu representantes dentro do município e nos três cargos: vereador, prefeito e vice-prefeito.

POVO FELIZ – (Gaudêncio Amorim)

Nas terras de Rondon, à luz do céu anil
Em um minúsculo canto do Brasil
Dois povos respiram o mesmo ar puro
Unidos por ingênuo folgar e ameno recreio
Seguem divididos por um rio ao meio
Na mesma promessa de próspero futuro
Jarudore e Joanesburgo, as glórias do porvir
Terras que os mineiros cativaram aqui
Plantadores de riquezas e invejáveis rebanhos
Terras das deslumbrantes paisagens
Que muitos povos fizeram paragens
Inclusive os bororo, em tempos de antanho
Por isso, folgo em cantar nestes versos
Para ecoar bem longe em todo universo
Um canto que a beleza por si espalha
Terras fecundas da pecuária e agricultura
Abençoadas por Deus a produzir fartura
Nas mãos de gente humilde que trabalha
Sua gente é um picuá de raros diamantes
Que – como estrelas, no céu cintilantes
Estremecem de alucinação em sóis de estio
E sobressai os encantos da mulher jarudorina
Se mulher feita ou mulher menina
Num cenário de contemplação e de arrepio
Salve o povo Jarudorino com devoção
Aguerrida gente de Joanesburgo e região
Que tantas batalhas têm vencido amiúde
A bravura do seu trabalhador rural
É um exemplo de fé e coragem sem igual
Para o espelho da sua incauta juventude

Meu canto ufano é um lampejo de consciência
Porque na batalha — são heróis da resistência
De patriotas confessos por um lugar ao sol
E erguestes tantas vezes sem alardes
Sem se tombar medrosos como covardes
Tolhidos pela luta em qualquer arrebol

Por isso meu orgulho por esta terra
Seja em tempos de paz ou tempo de guerra
Pelo espírito altivo que a luta conforte
São soldados que não fogem do seu algoz
E na luta sem fronteira qual albatroz
Segue o herói inabalável, firme e forte

E assim que quereis ver adiante
Em pé, destemidos e sempre avante
Laureadas pelas glórias que te espera
E que tua juventude ordeira e resoluta
Nos exemplos cristalinos jamais fuja à luta
À promessa de futuro e redenção da primavera.

Saúdo a todos - cioso do gozo abundante
Em vê-las tão unidas em glórias triunfantes
Ciente de que no porvir o progresso não demore
Porque já é tido que num cantinho deste país
— Que existe um povo muito Feliz
Em Joanesburgo e também Jarudore.

c a p í t u l o I

IDENTIDADE HISTÓRICO-SOCIAL

A História tem uma relação direta com o homem em seu tempo. A História é uma ciência que estuda a vida do homem através do tempo. Ela investiga o que os homens fizeram, pensaram e sentiram, enquanto seres sociais. Nesse sentido, o conhecimento histórico ajuda na compreensão do homem, na qualidade de ser que constrói seu tempo.

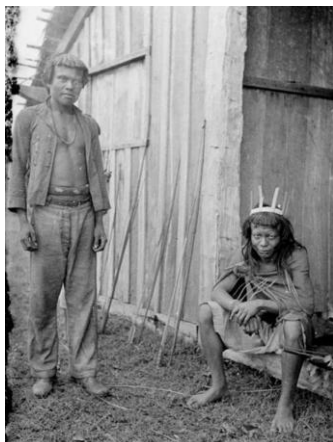
O registro de memórias é muito importante para a construção da identidade, como bem enfatiza POLLAK, 1992), que a memória é essencial na percepção de si e dos outros. Dessa forma, ela acaba sendo constituída pelo resultado de um trabalho de organização e de seleção daquilo que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência, ou seja, de identidade.

Aspecto esse reforçado por Jacques Le Goff (2013), ao apontar a relação entre memória e história, quando salienta: “Tal como o passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e, simultaneamente, um nível elementar de elaboração histórica.” (LE GOFF, 2013, p. 51). Assim, a memória também pode ser utilizada para reconstruir os fatos históricos, a partir, de ressignificações individuais.

Embasada nessa fundamentação teórica, percebeu-se a necessidade de fazer o registro das memórias sobre ambientes, fatos, pessoas e situações ocorridas no distrito de Jarudore, município de Poxoréu-MT, a partir dos primeiros anos da década de 40. Registro esse, que não está pronto e nem acabado,

tampouco representa uma verdade incontestável, mas tem como objetivo maior, servir de referência para futuras pesquisas, e principalmente, valorizar e deixar registrada em livro, a contribuição de pessoas que muitas vezes caíram no esquecimento, e também entender o passado para compreender o presente.

ETNIA BORORO DE JARUDORE: Em 14/11/1903, João Arenas Teixeira disse ter chegado na Aldeia Jarudore. O presente registro foi feito através de uma publicação no jornal, “Correio do Estado, edição 191, de 15/03/1925, época em que ele se encontrava em Rondonópolis-MT. Ainda nesse mesmo período, João Arenas assinou um relatório e enviou para publicação no referido jornal, cujo teor tinha por objetivo esclarecer fatos sobre as descobertas de diamantes no território de Poxoréu. Nesse documento, João Arenas informou que sua primeira expedição a pedido do Sr. Antônio Cândido de Carvalho (Sr. Tônico Cândido), residente na Fazenda Tadarimana, ocorreu no ano de 1903, quando ele, juntamente com os goianos Manoel Serrano Bento, Luiz Esteves e mais 15 indígenas saíram da citada fazenda, em 09 de novembro de 1903, e chegaram na Aldeia Jarudore, em 14/11/1903. De Jarudore, seguiram para Noidorê, onde acamparam depois de 11 dias de viagem. No dia 28 de novembro de 1903, chegaram ao rio Poxoréu (Pochoreu), cuja cabeceira é o “Cachoeirinha”, que passa a Linha Telegráfica Cuiabá a Goiás. Portanto, se ao chegar em 1903, João Arenas se deparou com a existência de uma aldeia em Jarudore, pressupõe que, antes de 1903, já havia indígenas em Jarudore.



IMG 01. Foto: Índios Bororo. Um deles possui uma coroa de folhas de babaçu, 1934 - 1935, Jarudori/MT; Fonte: Acervo Weltmuseum Wien - Áustria - Mario Baldi.



IMG 02. Foto: Menina Bororo com pintura no rosto, 1934/35; Fonte: Acervo Weltmuseum ien - Áustria - Mario Baldi.

Em 1912, a TI Jarudore foi demarcada por Marechal Cândido Mariano Rondon com o nome de “São João de Jarudori” em uma área do Estado de Mato Grosso, equivalente a 100.000 hectares, mas, por extravio de documentos que constavam o registro dessa área, uma nova demarcação foi realizada, restringindo-se para 6.000 hectares. Todavia, em 1949, depois dos trabalhos de campo, a área ficou ainda mais reduzida, passou a 4.706 hectares.

Em 1926, Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon instalou um Posto Telegráfico, às margens direitas do Rio Vermelho, próximo à Aldeia Bororo. Essa linha telegráfica ligava Rondonópolis a Guiratinga, passando pela Aldeia de Jarudore.

Em 1933, Herbert Baldus, em sua obra, *Ensaio da Etnografia Brasileira*, registrou que havia quatro aldeias situadas no mato da região do rio Vermelho, a 16'30" de latitude sul entre 54° e 55° de longitude oeste e

outra há 20 léguas a sudoeste, totalizando 500 índios, conforme

registro do Sr. João Arenas, coordenador da Comissão de Proteção aos Índios.



IMG 03. Foto: Missionário com crianças,1934, Jarudori´-MT; Fonte: Acervo Weltmuseum Wien – Áustria – Mario Baldi.

Baldus registrou ainda que, a cidade de Poxoréu, no ano de 1933, contava com 254 casas, 824 habitantes, sendo 70, da nação Bororo e na maioria, homens. Dos quais, 50 deles vindos de Sangradouro no ano anterior, a convite do Pe. César Albisetti. Os outros 20 vieram de aldeias controladas pela Comissão de Proteção aos Índios. O padre tinha sido por oito anos, o diretor daquela aldeia e depois, fora transferido para Poxoréu.

Em 1934, Pe. César Albisetti narrou em seu livro, *Mottogéba*, publicado em 1944, que ele visitou a aldeia Jarudore e assim fala do lugar: “O Missionário (...) se viu rodeado de bom número de índios. À frente do grupo, estava a criançada, todos espertos e alegres, embora quase nus. (...) Foi difícil despedir todo

aquele povo. Muitos índios tinham vindo para cumprimentar o Missionário e para abiscoitar ainda alguns presentes.” (p.48).



IMG 04. Foto: Ao final da dança, um banquete é servido,1934-1935, Jarudori-MT; Fonte: Acervo Weltmuseum Wien – Áustria – Mario Baldi.

Em 1935, Pe. César Albisetti descreveu com imensa precisão na página 68 de seu livro, “Do Fundo das Trevas Luz do Evangelho”, publicado no ano de 1948, que visitou seis aldeias no município de Poxoréu, em dezembro e janeiro de 1935. O padre relatou ter visitado as seguintes aldeias: Tóri Páru: com 68 indígenas, Aigéri: com 23, Jarudori: com 180, Pobbóre: com 140, Porogí: com 124, Rondonópolis: com apenas cinco. Um total de 468 indígenas, dos quais, 70 de idade inferior a 12 anos, 73 entre 12 e 20 anos, 286 com idade entre 20 e 55 anos, 39 com idade superior aos 55 anos. Acrescente-se a esse número, em torno de cem bororo nas vizinhanças de Poxoréu, diz ele, teremos 568

indígenas visitados um por um pelo missionário. Não incluiu nesses dados, os povos do médio e baixo São Lourenço.



IMG 05. Foto: Dança fúnebre 1934 - 1935 Jarudori-MT; Fonte: Acervo Weltmuseum Wien – Áustria - Mario Baldi.

Em 04/05/1941, o Jornal, O Estado de Mato Grosso, publicou que o povoado de Jarudore tinha além da aldeia, uma pequena vila com 30 casas e 180 moradores.

Em 1942, Sr. João Sinval Figueiredo estava com doze anos de idade, quando fez sua primeira viagem a Jarudore, em companhia do pai, Alcebíades Figueiredo, Sr. Bia, que era subdelegado na região de Serra das Araras. O pai fora atender à solicitação dos indígenas de Jarudore. Os moradores acusavam-nos de terem matado uma de suas vacas e o subdelegado da vila disse que os indígenas eram obrigados a pagarem. Recordo - se muito bem João Sinval que, ao chegar, havia muitos indígenas, mais de

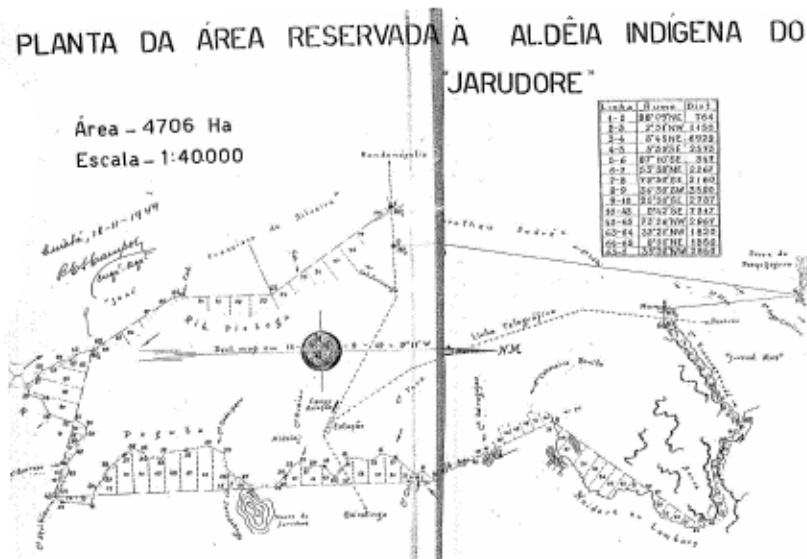


IMG 06. Foto: Tiro à flecha, 1934- 1935, Jarudori-MT;
 Fonte: Acervo Weltmuseum Wien – Áustria - Mario Baldi.

cem. Seu pai, Sr. Bia, ouviu as reclamações de ambos os lados e também as do subdelegado da vila. Sr. Bia falava muito bem a língua bororo, por isso, compreendeu e foi compreendido pelos indígenas. Após ouvir a todos, Sr. Bia disse que ali era terra indígena, então, que procurassem viver pacificamente com os donos da terra e os tratassem melhor. Sugeriu aos moradores que daquele dia em diante, ao abaterem uma vaca, dessem parte dela aos indígenas. No início, os moradores não se mostraram satisfeitos com a

proposta, porém, acataram a sugestão. A partir daquele instante, nunca mais se ouviu falar em algum desentendimento entre os povos indígenas e não indígenas.

Sr. Alcebíades Figueiredo, popular Bia, era muito querido e respeitado pela nação Bororo, ao ponto do grande Bari Casemiro e sua esposa Creuza Bataro Erigi, dar-lhes de “presente” uma criança indígena, a pequena Maria Helena Erigi, (com idade aproximada de 1 ano). Ela fora criada por Sr. Bia como sua filha. Maria Helena Erigi Figueiredo casou-se com Nilson Barbosa Figueiredo, filho de dona Manuela, (segunda esposa de Sr. Alcebíades). Porém, também criado como filho do Sr. Bia.



IMG 07. Foto: Planta da Reserva Indígena de Jarudore; Fonte: Relatório do INTERMAT/1983.

Em 18 de agosto de 1945, por meio do Decreto estadual, Nº: 684, o governo estadual criou a reserva Indígena Jarudore.

Em 18 de agosto de 1949, foi publicado no Diário Oficial nº 10.694, do Estado de Mato Grosso, o Edital de Medição da reserva Indígena Jarudore, que teve como responsável o engenheiro Paulo César Soares Campos, acompanhado pelos senhores Dorotheu Sodré dos Santos e Juvenal Alves (Tenente Preto). Na época, eles identificaram a existência de alguns indígenas Bororo, agrupados na aldeia, formada por oito choupanas de palha e uma pequena vila formada por várias famílias que tinham suas casas junto à estação telegráfica. Dentro da área medida, possuem os indígenas Bororo alguma benfeitoria, como: pequenas roças, 8 choupanas de palha, que formam a Aldeia.

Segundo o Sr. Alcides Novais, que chegou em Jarudore em 1948, (em depoimento presente no processo de Ação Civil contra a etnia Bororo que ocupa a área), “Aí morreu muito Bororo

contaminado por uma epidemia de varicela, nos anos 49 e 50. Eles não conheciam, ataca a febre e vinha aquele frio... [...] morreu muito”.

Em 1959, o escritor Luís Sabóia Ribeiro em seu livro, *Caçadores de Diamantes*, dedicou vinte e quatro páginas do referido livro, à narrativa dos indígenas da nação Bororo existentes em Poxoréu. No segundo parágrafo dessa narrativa, ele relata que tais indígenas, já pacificados, viviam aldeados e se misturavam na vida das currutelas.

Esse mesmo autor narra que o Padre Colbachini classifica geograficamente esses indígenas em dois grupos: bororos da campanha e bororos cabaçais. Todavia, o professor Manoel Cruz preferiu classificá-los em:

1º-Tucogoridogue: nação das flechas longas, que vive entre os rios Cabaçal e Jauru.

2º- Orarimugodogue ou Toritadanguê: nação indígena que habita entre as serras.

Outro fato interessante registrado por Sabóia, foi a habilidade das mulheres indígenas nas lides domésticas, reconhecidas como exímias cozinheiras, o que as tornaram alvos de disputas por famílias das currutelas e cidades garimpeiras. O que não era diferente em Jarudore, lugar onde várias donas de casa contavam com o auxílio delas na realização dos serviços de casa. Destacando-se aqui, a pessoa da indígena Joana Bororo, que nos últimos anos em que residiu em Jarudore trabalhou na casa dos pais do vereador Aguinaldo Batata. Em minha casa também, por várias vezes minha mãe teve a presença de mulheres indígenas como ajudantes, inclusive, às vezes, quando os bebês choravam, as indígenas acalentavam- nos dando-lhes o próprio peito. Eu mesma fui amamentada por diversas vezes, pela índia Augusta, a qual auxiliava minha mãe em casa. Era frequente a presença dos indígenas Simiro, Miguel, Felipe, Jacinto, Henrique, Caetano,

Joana, Maria Guiomar, Augusta, Marta, Fidelis, Creuza, Casemiro, Prudenciana, à minha casa e também a de minha família a casa deles.

Sabóia registrou ainda que, na aldeia Jarudore, os evangelistas andavam com a Bíblia nas mãos, batizando e chamando os indígenas para o seio da igreja. Porém, eles conservavam no íntimo, a religião que lhes era própria e cultuava na aldeia. Destaca também, a pessoa do indígena Tiago que, desde de sua tenra idade, vivia com os salesianos e sendo por eles educado, dominou línguas estrangeiras, tornou-se exímio músico e percorreu as ruas de Florença e Roma. *“Todavia, a tintura que recebeu, não calou duradouramente na consciência da tribo, apesar do permanente contato com os cristãos”*. Complementa dizendo:

“Temos a impressão de que a alma bororo é infantil o mais que possa, e com todo lustro educacional recebido dos missionários, o atavismo predomina em todos os atos, conservando-os para sempre no primitivismo avoengo.”

Na obra acima mencionada, Sabóia reconhece a redução da nação Bororo no território poxorense, quando assim registra:

“Estão definhando os bororos, porém os antigos relembram orgulhosamente a extinção total da tribo dos nonaguares dizimada aos ímpetos dos antepassados” (p.235).

O escritor José Roberto do Amaral Lapa registrou em seu livro, Missão do Sangradouro, que esteve em visita a Poxoréu no ano de 1963, e fora informado pelos padres salesianos que nessa cidade, não havia mais indígenas e que os mesmos viviam uma vida à parte, onde a promiscuidade de uma rua, que lhes fora reservada, era flagrante. Aos poucos, foram abandonando o povoado, levados pelo seu nomadismo.

Todavia, antigos moradores de Poxoréu dizem que até o final da década 60, havia indígenas morando nas redondezas da cidade, principalmente, abaixo do encontro entre o rio Poxoréu e o córrego Bororo, lado direito, uns 50 metros onde há uma rocha

chamada pelos garimpeiros de “Casa de Pedra”, nesse local, abrigava – se uma família Bororo, os quais eram vistos com certa frequência pelos moradores das ruas Maranhão e Bahia.

Em 1965, Sr. João Sinval mudou-se com sua família para a vila de Jarudore. Informou que não havia mais aquela centena de indígenas que viu em 1942, quando acompanhou seu pai em visita à vila, mas que ao chegar em 1965, houvesse por volta de 20 a 30.

Em 1973, a aldeia indígena Jarudori era habitada pelos indígenas: capitão Henrique, a esposa Joana e a filha do casal. Havia ainda em Jarudore, a professora Maria. Os demais de sua etnia abandonaram Jarudore e mudaram para a reserva Sangradouro/Volta Grande (Jornal Boa Mídia-julho/2019).

Em 1978, capitão Henrique e seus familiares foram levados pelo seu povo para a reserva Sangradouro/Volta Grande. Com a saída da família, a área onde viviam, passou a ser ocupada pelo capitão José Luiz Quearuvare – também grafado Kiaruvare. (Jornal Boa Mídia-julho/2019).

Cabe aqui ressaltar que, durante o período da década de 40 até o final dos anos 70, quando o Capitão Henrique liderava a comunidade indígena localizada em Jarudore, era comum avistar sua gente andando pelas ruas da vila, ora para comprar, ora para vender peixe, cestos, esteiras, abanadores, coco babaçu, óleo de coco, também eram vistos atravessando as ruas da vila para irem a outra localidade, como por exemplo, em uma roça para buscar produtos alimentícios: mandioca, abóbora, maxixe e outros. Indígenas e não indígenas participavam juntos de caçadas e de pescarias.

O acesso à aldeia indígena era no final da vila, no lado direito, sentido Jarudore/ Joanesburgo, na curva, antes da ponte do rio Vermelho. Pegava-se a estrada de terra vermelha, cerca de arame farpado dos dois lados, hoje, há uma plantação de eucaliptos, caminhava alguns metros e se deparava com um

pequeno córrego de água limpa, fria e uma areia branquinha depositada no fundo do riachinho, ao seu redor, flores e árvores de porte baixo e alto davam as boas - vindas a quem por ali passasse. Seguia-se aproximadamente uns cem metros, onde havia uma entrada à esquerda, e antes de entrar à aldeia, era preciso abrir um colchete que dava acesso a ela. Ao centro do terreno limpo, arenoso, coberto por uma gramínea rasteira, verde e brilhante, estava a Bái (casa Bororo) que abrigava os principais moradores: Capitão Henrique, a esposa Joana Bororo, a filha e uma matilha de cães.

A presença de minha família a essa aldeia era constante, pois como meu pai era o único farmacêutico local, quando algum bororo se encontrava enfermo, tanto meu pai, João Sinval, quanto minha irmã Márcia, iam atendê-los, além de levar alimentos, dar atenção e socorrê-los naquilo que eles necessitassem. A comunicação entre meu pai e os bororo era bem fácil, porque ele sabia falar com fluência a língua deles.

À entrada da aldeia, nós, ainda crianças, costumávamos colher marmeladas, mangaba e boca – boa, isso quando os cachorros do Capitão Henrique não chegavam antes, para nos impedir. Na época das chuvas, era comum encontrarmos melancias, maxixe e alguns pés de mandioca na aldeia, a nossa alegria era de orelha a orelha, pois chegaríamos em casa festejando a boa colheita.

Em dezembro de 1983, os técnicos Carlos Alberto Barros e Othon Calestini, servidores do INTERMAT, atendendo a uma solicitação do diretor técnico daquele instituto, Sr. José Carlos Almeida, realizaram uma visita de vistoria no distrito de Jarudore e registraram no referido relatório que, conforme informações do IBGE, em 1980, foram recenseados 728 habitantes e no ato da visita, em 1983, foram encontrados aproximadamente 1.450 pessoas residindo na sede do Distrito de Jarudore, coincidentemente, na Reserva Indígena mencionada. Conforme o

IBGE, em 1980, constatou-se a existência de 421 habitantes na faixa rural da dita Reserva Indígena, e em 1983, havia 500 habitantes aproximadamente. Os técnicos do INTERMAT declaram no relatório de vistoria que não foi constatada a existência de nenhum índio habitando a região da Reserva Indígena Jarudore.

Em 30/09/1989, os técnicos da FUNAI, Gilmar Campos Soeiro e Adão Alaertes, realizaram uma visita de vistoria ao distrito de Jarudore, atendendo solicitação e registraram no referido relatório que havia 958 habitantes naquele distrito, estando 382 na zona rural e 576 na sede, isto é, na área urbana. Registraram também que não constataram a presença de nenhum índio no território vistoriado. De acordo com relatos verbais colhidos, disseram que o índio José Luís foi o último a deixar aquela região, no ano de 1981.

Em 2001, o escritor Gaudêncio Filho Rosa de Amorim, em seu livro, Linhas Históricas de Poxoréu: Um olhar sobre o nascimento dos distritos numa contribuição às escolas e à sociedade, declarou a inexistência de índios nas terras de Jarudore, naquela época.

“Jarudore foi localidade muito apreciada pelos bororos pela abundância de pesca e caça, pela predominância geográfica e pelas extensas matas.

O termo ainda designa - Jarudori bororo- aldeia perto do Morro do Bagre, importante aldeia de origem assaz antiga, habitada por avultado número de índios, a meio caminho entre Poxoréu e Rondonópolis, por via fluvial. Nestes últimos tempos (1962), decaiu rapidamente, dando origem a um conglomerado de civilizados que conservou o mesmo nome. Assim, Jarudore tornou se uma terra de índios, sem índio (AMORIM-2001).”

Em 22 de junho de 2006, cerca de 30 famílias Bororo, lideradas pela cacique Maria Aparecida Toro Ekureudo, assumem a luta pela reconquista de seu território, registro esse presente no site Mapa de Conflitos Injustiça Ambiental e Saúde.

Maria Aparecida veio da reserva Sangradouro/Volta Grande, e ao chegar em Jarudore, ocupou um sítio distante 7 km da área urbana e fixou um cartaz: “Área Indígena Aldeia Nova Bororos”.



IMG 08. Foto: Localização da Aldeia Bororo Jarudori; Fonte: Internet.

A população jarudoreense não se opôs à instalação dos indígenas no território de Jarudore, quando esses chegaram em 2006. Fato esse comprovado pela presença de crianças e jovens indígenas matriculadas nas escolas públicas que atendem à população jarudoreense, ficando claro que, indígenas e não indígenas tinham voltado a viver na mesma comunidade de forma pacífica e ordeira, como nos tempos passados.

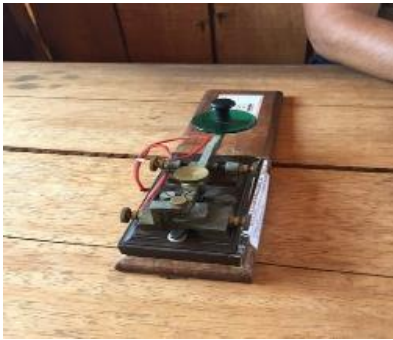
Todavia, alguns fatos ocorreram que estremeceram a boa convivência entre a população de Jarudore e os bororo, isso ocorreu em virtude do processo de Ação Civil impetrado pela FUNAI e pelo Ministério Público Federal, em defesa do direito de indígenas sobre as terras ocupadas pelos não indígenas, há mais de 70 anos.

POSTO TELEGRÁFICO DE JARUDORE: Em 1926, o marechal Cândido Mariano da Silva Rondon instalou um Posto Telegráfico próximo à aldeia Bororo em Jarudore, à margem direita do Rio Vermelho. Pesquisadores afirmam que Rondon era um estrategista e defendia os indígenas, por isso, implantou o posto telegráfico próximo à reserva Bororo, como ponto de apoio para as viagens que ele realizava em embarcações que percorriam o rio. Dizia-se também que, a estação telegráfica serviria de suporte ao vaivém dos indígenas canoeiros que desciam e subiam o rio entre suas reservas Merure e Sangradouro/ Volta Grande, e depois, seguiam até o Pantanal. Em 1940, foi construído um ramal na linha telegráfica, ligando esse posto telegráfico a Poxoréu. Nessa época, surgiram as primeiras famílias: Leôncio Rocha, José Cavalcante, José Mendonça, Edmar de Siqueira (telegrafista) e esposa.

Inicialmente, o Posto Telegráfico de Jarudore ficava instalado onde hoje, reside Sr. Alcides Novais. Na época, uma casa de madeira, coberta de amianto (Eternit), depois se mudou para Avenida Manoel Cândido de Oliveira, no lado direito da rua, sentido ao rio, abaixo do cartório. Hoje, o prédio pertence à dona Tereza e está alugado para o cabeleireiro Onaldo.

A fotografia abaixo apresenta um missionário salesiano conversando com crianças indígenas. Provavelmente, eles estão na sede da estação telegráfica, uma vez que era a única construída com madeira e coberta de amianto (telhas Eternit), as demais casas existentes eram todas de palha.

O telégrafo é um dispositivo que permite transmitir informação à distância utilizando um código. Samuel Morse (1791-1872) inventou um código para transmitir a informação através de seu telégrafo, o código Morse. O código utiliza pontos e linhas para representar as letras e os números da linguagem escrita, as linhas correspondem à recepção de um sinal de longa duração, e o ponto, a um sinal de curta duração.



IMG 09/10. Telegrafo.

A combinação de pontos e linhas, ou seja, de sinais elétricos de longa e curta duração, permite transmitir qualquer tipo de mensagem escrita. A mensagem assim transmitida recebe o nome de telegrama.

O código Morse (atualmente, não mais utilizado)

LETRAS			
A ·—·	H ····	O ———	V ····
B —···	I ···	P —·—	W —···
C —·—·	J —··—	Q —··—	X —···
D —···	K —··—	R —···	Y —···
E ···	L —···	S —··	Z —···
F —···	M —··	T —··	
G —··	N —··	U —··	
NÚMEROS			
1 —··—·	6 —···		
2 —··—·	7 —···		
3 —··—·	8 —···		
4 —··—·	9 —···		
5 —··—·	0 —···		
SINAIS DE PONTUAÇÃO		SINAIS DE TRANSMISSÃO	
Dois-pontos —····	Erro ·····		
Virgula —····	Esperar —····		
Ponto-e-virgula —····	Fim da mensagem —····		
Interrogação —····			
Aspas —····			



IMG 11/12. Código Morse.

As informações obtidas é de que, inicialmente, o Posto telegráfico de Jarudore ficava sob os cuidados do indígena por nome Kuaka, ou algo semelhante. Depois, passou aos cuidados do cuiabano, Zé Telegrafista, esposo da professora Elza Barros. Na

época, década de 40, o indígena José Churangüi, trabalhava com Zé Telegrafista na função de “guarda de fios”, era a pessoa responsável por cuidar e manter em perfeito funcionamento as linhas telegráficas que ligavam uma estação a outra. Anos mais tarde, veio outro funcionário para substituir Zé Telegrafista.

Na década de 60 para 70, a estação ou Posto telegráfico de Jarudore estava sob os cuidados do Sr. Néelson Lira, esposo de Nena. Após a mudança de Néelson Lira para Cuiabá, o jovem Roberto Ventura (neto de Adelino Joaquim Lopes- Comprador e exportador de diamantes), assumiu as responsabilidades de telegrafista em Jarudore. Roberto era filho de Lindaura (Morena) e Sr. Antônio Ventura. Em meados da década de 70, após desativada a estação, Roberto foi trabalhar em Poxoréu, na Prefeitura.



IMG 13. Foto: Desfile escolar em frente ao Posto telegráfico. Década de 70, rua principal; Fonte: Acervo Epaminondas.

Com o posto desativado, dona Ermelinda Alves de Melo, “Nenzinha”, passou a morar no prédio que funcionava a estação telegráfica. Nenzinha era mãe de Raul Melo, Rui Melo, Ronan Melo, Raquel Melo e Rute Melo e Alcione.

O telégrafo conectava o distrito de Jarudore com o mundo de uma forma sem precedentes. Seu impacto comercial, social e cultural foi para a época, tão significativo como a internet é para os dias atuais. O telégrafo foi por muitas décadas, o principal meio de comunicação do povo jarudoreense com àqueles que se encontravam em localidades distantes. Os moradores mais antigos de Jarudore, a exemplo dos senhores Alcides Novais, Manoel Luís da Silva, Francisco de Assis Luciano, Otaviano Francisco Vieira e Manoel Lopes Farias, quando entrevistados sobre a importância do telégrafo, foram unânimes em afirmar que, esse era um recurso valioso, principalmente, se houvesse alguém muito enfermo, era só ir ao posto telegráfico, passar um telegrama e pedir um avião com urgência para transportar o paciente.

A VILA JARUDORE: Em 1926, foi instalado pelo Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, um Posto Telegráfico, às margens direitas do Rio Vermelho, próximo à Aldeia Bororo. Essa linha telegráfica ligava Rondonópolis à Guiratinga, passando pela Aldeia de Jarudore. Em 1940, foi construído um ramal na linha telegráfica, ligando esse posto telegráfico a Poxoréu. Nessa época, surgiram as primeiras famílias: Leôncio Rocha, Edmar Siqueira (telegrafista), José Cavalcante e José Mendonça. Depois, outras famílias chegaram: José Luiz Rocha (irmão de Leôncio Rocha) e Thomázia Belarmina de Figueiredo, provenientes da Chapada dos Guimarães, onde exploravam garimpo. Em 04/05/1941, o Jornal, “O Estado de Mato Grosso”, publicou que o povoado de Jarudore tinha, além da aldeia, uma pequena vila com 30 casas e 180 moradores. Em 18 de agosto de 1945, através do Decreto estadual Nº: 684, o governo estadual criou a reserva Indígena Jarudore.

João Sinval Figueiredo mudou-se de Itiquira para a Fazenda Serra das Araras (zona Rural de Jarudore), no ano de 1935, quando tinha cinco anos de idade. A partir dos 12 anos, isto é, ano de 1942, ele já acompanhava o pai Alcebíades Figueiredo (Bia), quando esse ia até o povoado de Jarudore.

Segundo Sr. João Sinval de Figueiredo, no ano de 1947, já acontecia na currutela de Jarudore, a primeira Festa da Igreja Católica, em celebração à Nossa Senhora da Glória, no mês de agosto, ocasião em que existia até então, uma pequena capela no local onde atualmente, encontra - se a quadra da Escola Estadual Franklin Cassiano. A capela tinha sua frente voltada para a rua da lateral, abaixo da quadra. Ao lado da capela, ficava o Grupo Escolar, uma construção de tábuas, formado por uma única sala de aula, que atendeu a clientela estudantil da vila nos primeiros anos, até a construção do prédio que mais tarde, passou a funcionar a Escola Franklin Cassiano.

Em 18 de agosto de 1949, foi publicado no Diário Oficial nº 10.694, do Estado de Mato Grosso, o Edital de Medição da reserva Indígena Jarudore, que teve como responsável o engenheiro Paulo César Soares Campos, acompanhado pelos senhores Dorotheu Sodré dos Santos e Juvenal Alves (Tenente Preto). Na época, eles identificaram a existência de alguns indígenas da etnia Bororo agrupados na aldeia, formada por oito choupanas de palha e uma pequena vila em que residiam várias famílias, as quais, moravam próximas à estação telegráfica, conforme cópia abaixo:

Dentro da área medida possuem os Índios bororos alguma benfeitoria constante de pequenas roças além de 8 choupanas de palha que formam a Aldeia. ∴ Ainda nessas terras tem a sua morada habitual, várias famílias, muitas das quais cultivam a terra e tem as suas 'casas Junto à Estação Telegráfica, no entroncamento das linhas Rondonópolis- Guiratinga e Rondonópolis-Poxoreu; ∴! Marcha dos trabalhos. Os trabalhos de campo correram normalmente, sendo acompanhados pelos Senhores. Dorotheu Sodré dos Santos e Juvenal Alves.